

Antigo redactor da revista O TEMPO E O MODO, João Martins Pereira é autor de textos importantes sobre questões da nossa actualidade político-económica (de que é exemplo A DESCOBERTA DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A EUROPA, inserto em O TEMPO E O MODO), reunidos num volume dado à estampa por Publicações D. Quixote: PENSAR PORTUGAL HOJE.

PORTUGAL PERANTE A EUROPA

João Martins Pereira: «A 'aproximação' Portugal - Europa é um falso problema»

Europa — Algo cuja «principal unidade é a sua continuidade geográfica», mas que poderá ver nascer (não sem certa ironia) o «euro-peñismo proletário» (1)? Um espaço político-económico em construção de que resultarão «sérios problemas para a nossa economia, (que) têm estado no centro das preocupações de muitos especialistas e empresários conscientes» (2)? Uma realidade em relação à qual, chegado o momento, deveremos assegurar a «independência sem lhe voltar as costas nem lhe ser servil» (3)?

Parece-nos que nem as posições geográfico-doutorais, nem os «economistas», nem as ciosas da identidade nacional (com «dimensão africana» (3), «acrescente-se...»), chegam para situar o problema Europa-Portugal.

«TEORIA DO DESENVOLVIMENTO LIMITADO»

Será a Europa muito mais do que a órbita mais próxima do centro do sistema capitalista mundial localizado além-Atlântico? Quando se fala em centro e periferia, ao contrastar os países capitalistas industrializados com os países do púdicamente chamado «Terceiro Mundo» está-se, de facto, a simplificar um sistema de relações políticas e económicas bastante mais complexo e «hierarquizado». Este sistema de relações constitui uma estrutura cujo estabilidade é condição da sua própria sobrevivência. Que quer isto dizer? Que é praticamente impossível a um determinado país (ou conjunto de países) modificar a sua posição relativa (de dependência) dentro do sistema. Isto conduz-nos a algo a que poderíamos chamar de «teoria do desenvolvimento limitado». Cada estrato dessa hierarquia (ou cada órbita dessa espécie de sistema solar) desempenha uma função rigorosa para o equilíbrio global.

Nesta perspectiva, portanto, as teses que procuram caracterizar as etapas de desenvolvimento e apontam vias para atingir o arranque da industrialização, a recuperação do terreno dos países «proletários» em relação aos desenvolvidos, etc. etc., perdem todo o sentido (a não ser ideológico).

Não fossem as contradições que o sistema gera dentro de si próprio, e tanto mais acentuadas quanto mais procura assegurar a tal estabilidade-sobrevivência, e estaríamos perante algo de imutável, o que só por si constituiria um absurdo, do ponto de vista do processo histórico.

A FRAGILIDADE DAS «APROXIMAÇÕES»

Portugal aproximar-se da Europa? A Europa aproximar-se dos Estados Unidos? Falsos problemas. Tem sido bem patente nestes últimos tempos a fragilidade destas «aproximações»: o Japão e a Alemanha Ocidental estão demasiado dependentes dos Estados Unidos poli-

tica e economicamente para que, chegada a altura, não se vejam obrigados a retomar o seu lugar (a manter-se na sua órbita...). Que interessa, pois, em última análise, cogitar sobre a forma mais «vantajosa» (para quem?) que poderá assumir a ligação de Portugal ao Mercado Comum, que consequências isso trará, etc. etc.? A função que Portugal desempenha no sistema, os «limites» impostos ao seu desenvolvimento — essas permissas estão fixadas e a margem é bem estreita. Dissêmos «em última análise» pois a forma e intensidade que tomarão as contradições que o processo tenderá a acentuar — e uma análise política correcta terá de ter constantemente presente esse aspecto fundamental — dependerão em larga medida das modalidades que vierem a ser definidas.

Ainda recentemente ouvimos um técnico estrangeiro altamente qualificado no sector têxtil dizer que, dentro de alguns anos Portugal será o fornecedor têxtil da Europa». E nem achou que valesse a pena avaliar as tais formas de integração na Europa. Simplesmente constatou um facto, imposto pela lógica capitalista mundial. Poderia mesmo ter acrescentado que dentro de 30 ou 40 anos serão os países do hoje «3.º Mundo» a assegurar essa função. Nesta singela constatação está contido o essencial do que chamamos «teoria do desenvolvimento limitado». Tecnologias de ponta? Teremos que aguardar o momento em que as empresas multinacionais considerem mais rentável instalá-las entre nós (nessa altura, aliás, elas já não serão de «ponta»). Níveis de rendimento de 2 ou 3 mil dólares per capita? Aguardemos que os países europeus atinjam 4 ou 5 mil e os Estados Unidos 6 ou 7 mil.

VISÃO PESSIMISTA?

Visão pessimista? De nenhum modo. Trata-se de fazer compreender que:

a) A integração de Portugal na Europa é um assunto a tratar entre os representantes das classes dominantes nos respectivos países, que acabarão por se entender numa bela madrugada em Bruxelas, e festejarão o acontecimento, esgotados mas ainda com forças para beber um cordial whisky que apagará todos os ressentimentos.

b) A História não é feita apenas por esses senhores e, portanto, os esquemas que elaboramos virão a ser submetidos à prova dos conflitos que eles próprios terão gerado ou acentuado.

JOÃO MARTINS PEREIRA

(Os subtítulos são da responsabilidade da redacção)

(1) «Quem construirá a Europa?», J. Medeiros Ferreira, Seara Nova — Set. 71.

(2) «Desenvolvimento económico ou estagnação?», Armando Castro, pag. 78.

(3) «Polémica» n.º 1, Manuel de Lucena, pag. 80.